

NADA DE LÁGRIMAS

LYDIE SALVAYRE

# NADA DE LÁGRIMAS

Tradução de  
PATRÍCIA XAVIER



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2015

*¿De qué temes, cobarde criatura? ¿De  
qué lloras, corazón de mantequillas?*

CERVANTES, *Don Quixote*, II, 29

Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, monsenhor o bispo-arcebispo de Palma indica aos justiceiros, com uma venerável mão onde reluz o anel de pastor, o peito dos maus pobres. É Georges Bernanos que o diz. É um católico fervoroso que o diz.

Estamos em Espanha no ano de 1936. A guerra civil está prestes a eclodir, e a minha mãe é uma má pobre. Uma má pobre é uma pobre que abre a boca. A minha mãe, a 18 de julho de 1936, abre a boca pela primeira vez na sua vida. Tem quinze anos. Vive numa aldeia perdida do mundo, onde há séculos os grandes proprietários de terras mantêm famílias como a sua numa terrível pobreza.

Nessa mesma altura, o filho de Georges Bernanos prepara-se para ir combater nas trincheiras de Madrid com o uniforme azul da Falange. Durante algumas semanas, Bernanos acredita que o envolvimento do seu filho com os nacionalistas é fundado e legítimo. Sabemos quais são as suas ideias. Militou na Ação Francesa. Admira Drumont. Assume-se como monarquista, católico, herdeiro das velhas tradições francesas e mais próximo em espírito da aristocracia operária do que da burguesia endinheirada, que

detesta. Encontrando-se em Espanha no momento da sublevação dos generais contra a República, não avalia de imediato a amplitude do desastre. Mas não tarda a dar-se conta da evidência. Vê os nacionalistas entregarem-se a uma depuração sistemática dos suspeitos, enquanto, entre dois assassinios, os dignitários católicos lhes dão a absolvição em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. A Igreja espanhola tornou-se a Puta dos militares depuradores.

Repugnado até às entranhas, Bernanos assiste, impotente, a esta infame convivência. Depois, num penoso esforço de lucidez que o obriga a romper com as suas simpatias antigas, decide-se a escrever aquilo de que é testemunha atormentada.

É um dos poucos, no seu campo, a ter essa coragem.

**A mis soledades voy,  
De mis soledades vengo.**

A 18 de julho de 1936, a minha mãe, acompanhada pela minha avó, apresenta-se aos señores Burgos, que desejam contratar uma nova criada, tendo a última sido despedida por cheirar a cebola. No momento do veredito, don Jaime Burgos Obregón volta-se para a sua mulher com um ar satisfeito e, depois de olhar a minha mãe da cabeça aos pés, declara, com um tom confiante que a minha mãe não esqueceu: Ela tem um ar bem modesto. A minha avó agradece-lhe como se lhe tivessem feito um elogio, mas eu, diz-me a minha mãe, fico doida com aquela frase, recebo-a como uma ofensa, como uma patada al culo, minha querida, una patada al culo que me faz dar um salto de dez metros dentro de mim, que lança um motim no meu cérebro adormecido há mais de quinze anos, e que me ajuda a

compreender as palavras que o meu irmão José trouxe de Lérima. Então, quando saímos para a rua, ponho-me a berrar (eu: a berrar), a berrar Ela tem um ar bem modesto, compreendes o que quer isto dizer? Fala mais baixo por amor de Deus, implora a minha mãe, que é uma mulher muito eclipsada. Quer dizer, eu fervia minha querida eu fervia, quer dizer que eu serei uma criada bem estúpida e obediente! Quer dizer que aceitarei todas as ordens da doña Sol e que lavarei a sua porcaria sem reclamar! Quer dizer que darei todas as garantias de uma perfeita idiota, que nunca protestarei por nada, que não causarei incómodo de espécie nenhuma! Quer dizer que don Jaime me pagará, como é que tu dizes?, dois tostões, e que eu ainda terei de dizer muchísimas gracias com aquele ar modesto que me fica tão bem. Senhor Jesus, murmura a minha mãe com uma mirada aflita, mais baixo, podem ouvir-te. E eu birro cada vez mais alto: Pois que ouçam, estou-me nas tintas, não quero ser criadinha na casa dos Burgos, prefiro ser puta na cidade! Por amor dos céus, suplica-me a minha mãe, não digas disparates. Nem nos convidaram a sentar, digo-lhe revoltada, nem sequer nos apertaram a mão, recuerdo (eu: recordo), recordo-me de repente que tenho um panadício no polegar e que trago uma ligadura no dedo, está bem panarício, mas não me corrija a cada palavra senão nunca mais acabo. Então a minha mãe para me acalmar relembra-me numa voz sussurrada os benefícios consideráveis que me esperam se for contratada: que terei alojamento, alimentação e folga ao domingo para ir dançar a jota na praça da igreja, que terei um pequeno salário e um pequeno prémio todos os anos, dinheiro com que poderei fazer um pequeno enxoval, e até algumas poupanças. Ao ouvir estas palavras, clamo: Antes morrer! Dios mío, suspira a minha

mãe, lançando olhares angustiados às duas filas de casas que ladeiam a ruela. E eu desato a correr a toda a velocidade para o meu sótão. A guerra, felizmente, começa no dia seguinte, por isso nunca cheguei a ser criada dos Burgos, nem de ninguém. A guerra, minha querida, veio mesmo a calhar.

Esta noite, a minha mãe está a ver televisão, onde a imagem fortuita de um homem interpelando o presidente da República lhe recorda, de súbito, o entusiasmo do seu irmão José ao regressar de Lérima, a sua impaciência e aquele fervor que o tornavam belo. E tudo lhe vem de imediato ao espírito, a frase de don Jaime Burgos Obregón, o júbilo de julho de 1936, a descoberta eufórica da cidade, e o rosto do homem que ela amou loucamente e a quem eu e a minha irmã chamamos, desde crianças, André Malraux.

A minha mãe chama-se Montserrat Monclus Arjona, um nome a que me alegra dar vida e reclamar, por algum tempo, do nada a que estava prometido. Na história que vou contar, não quero, de momento, introduzir nenhuma personagem inventada. A minha mãe é a minha mãe, Bernanos, o escritor admirado de *Les Grands Cimetières sous la lune*, e a Igreja Católica, a instituição infame que foi em 1936.

FUENTE ES MI VIDA  
EN QUE MIS OBRAS BEBEN

A minha mãe nasceu a 14 de março de 1921. Os mais chegados chamam-lhe Montse ou Montsita. Tem noventa

anos na altura em que me conta a sua juventude catalã nesta língua mista e transpirenaica que se tornou a sua desde que o acaso a trouxe, há mais de setenta anos, para uma aldeia do sudoeste francês.

A minha mãe foi bela. Disseram-me que teve em tempos aquela figura tão particular que o porte do cântaro à cabeça conferia às mulheres espanholas e que hoje só encontramos nas bailarinas. Disseram-me que caminhava como um barco, muito direita e ágil como uma vela. Disseram-me que tinha um corpo de cinema e que *trazia nos olhos a bondade do coração*.

Hoje é velha, a cara enrugada, o corpo decrepito, o passo desnordeado, vacilante, mas uma juventude no olhar que a evocação da Espanha de 36 reaviva com uma luz que eu nunca lhe vira. Sofre de perturbações da memória, e todos os acontecimentos que viveu entre a guerra e o presente, perdeu-lhes o rasto para sempre. Mas guarda intactas as recordações daquele verão de 36 em que o inimaginável teve lugar, aquele verão de 36 durante o qual, segundo me diz, descobriu a vida, e que foi sem sombra de dúvida a única aventura da sua existência. Quererá isto dizer que aquilo que foi a realidade da minha mãe durante os setenta anos seguintes não teve para ela uma existência real? Penso, por vezes, que sim.

Esta noite, ouço-a mais uma vez remexer as cinzas da sua juventude perdida e vejo o seu rosto animar-se, como se toda a sua alegria de viver se tivesse concentrado naqueles poucos dias do verão de 36 na grande cidade espanhola, e como se, para ela, o curso do tempo se tivesse interrompido na calle San Martín, no dia 13 de agosto de 1936



às oito horas da manhã. Escuto as suas recordações, que a leitura paralela que faço de *Les Grands Cimetières sous la lune* de Bernanos ensombra e completa. E tento decifrar as razões da perturbação que estes dois relatos me causam, uma perturbação que receio que me leve onde não tinha qualquer intenção de ir. Para ser mais precisa, sinto, à sua evocação, infiltrarem-se em mim, através de comportas ignoradas, sentimentos contraditórios e bastante confusos. Enquanto o relato da minha mãe sobre a experiência libertária de 36 desperta no meu coração um certo maravilhamento, uma espécie de alegria infantil, as atrocidades descritas por Bernanos, confrontado com a crueldade dos homens, com os seus ódios e cóleras, vêm reavivar a apreensão que sinto ao ver uns quantos filhos da mãe reatarem com essas ideias infectas que eu julgava há muito adormecidas. Na altura em que a minha mãe, com quinze anos, se apresenta acompanhada da minha avó para o lugar de criada doméstica, doña Pura, a irmã do supracitado don Jaime Burgos Obregón, eternamente empertigada na beira de uma cadeira de espaldar alto forrado a pele, lê com grande exaltação o artigo que faz a primeira página do seu jornal, *Acción Española*: «Um jovem general decidiu-se a assumir o comando da Grande Espanha prestes a soçobrar na democracia e no socialismo, tencionando erguer uma barreira contra a invasão bolchevique. Ao seu apelo, outros generais reuniram-se sem hesitar em torno deste extraordinário líder e as ligas nacionalistas despertaram. Mas poderão o espírito, a inteligência, a dedicação à pátria e o heroísmo fazer frente aos apetites vis e aos instintos animais levados ao poder pelo Governo de Moscovo, que espera assim envenenar toda a Europa mediterrânica?» A pergunta que remata o artigo deixa doña Pura numa tal

angústia que ela se vê imediatamente tomada por palpitações cardíacas. Isto porque doña Pura tem tendência para palpitações cardíacas. E apesar de o médico lhe ter prescrito que evite as contrariedades suscetíveis de lhe provocar palpitações cardíacas, os seus sentimentos patrióticos obrigam-na a ler o jornal dos nacionalistas. É um dever, doutor, diz num fio de voz.

Nos dias seguintes, doña Pura vive no receio de ver a sua casa pilhada, as suas terras roubadas e a sua fortuna destruída por José, o irmão de Montse, e o seu bando de ladrões. Até porque Maruca, a merceeira, lhe confidenciou em voz baixa que os anarquistas se entregavam a sangrentos assaltos à mão armada, que esventravam as religiosas depois de as terem violado e que em seguida lhes conspurcavam os conventos com horríveis profanações. Desde logo doña Pura imagina-os a irromper pelo seu quarto, arrancando o crucifixo de marfim que domina a sua colcha branca, derrubando o seu guarda-joias incrustado de esmaltes e entregando-se, Senhor Jesus, a sevícias inqualificáveis. Ainda assim, continua a cumprimentar os pais daqueles loucos quando se cruza com eles na rua. É preciso ter bom coração!

Mas à noite, ajoelhada no seu genuflexório, implora a Deus que proteja os seus daqueles selvagens que não têm respeito por nada.

Que morram!

Mal pronuncia esta frase, cora de vergonha por ter emitido um tal desejo. Terá o bom Deus, dotado segundo consta de um ouvido suprassensível, escutado as suas palavras? Amanhã irá confessar-se a don Miguel (o padre da aldeia que ainda não fugiu) e ele há de prescrever-lhe três ave-marias e um pai-nosso como penitência, o que terá para a sua consciência o efeito curativo quase instantâneo de

uma aspirina. É sabido que, independentemente dos crimes que cometam contra os comunistas naquela época, com arma branca, com arma de fogo, com golpes de matraca ou com barras de ferro, os católicos são instantaneamente ilibados e perdoados, por pouco tempo que dispensem ao ato de contrição antes da prece da noite, sendo os pequenos arranjos com o Céu espanhol verdadeiramente mágicos.

Doña Pura retoma a sua invocação e reza agora à Muito Santa Virgem Maria, pedindo-lhe que ponha fim às maquinações desses insolentes que ofendem mortalmente o seu bom Deus. Porque doña Pura sabe melhor que ninguém o que ofende mortalmente o seu bom Deus. Porque doña Pura faz parte daqueles que na aldeia, por uma simplificação eloquente, são conhecidos como fachos.

Facho é uma palavra que, pronunciada com o «tch» espanhol, se lança como uma cuspidela.

Os fachos da aldeia são em número reduzido e têm em comum considerar que:

UM VERMELHO BOM  
É UM VERMELHO MORTO.

José, o meu tio, irmão de Montse, é um vermelho, ou antes, um vermelho e negro.

Desde que a irmã lhe falou da visita à casa dos Burgos, não consegue acalmar-se. Em 36, os vermelhos não se acalmam. Muito menos os vermelhos e negros.

José considera que a sua irmã foi ofendida. A Espanha de 36 está repleta de ofendidos.

Tem um ar bem modesto! Tem um ar bem modesto!

Mas por quem se toma este cabrón! Vai arrepender-se, o sinvergüenza! Vamos fazê-lo engolir a sua maldita frase nojenta! Vamos obrigar esse burguês a calar o bico!

Desde que regressou de Lérima, José não é o mesmo. Tem no olhar o reflexo de visões inauditas, inefáveis, e na boca traz palavras de um outro mundo, que levam a mãe a dizer Mudaram o meu filho.

Todos os anos, entre a apanha da amêndoa no mês de maio e a da noz em setembro, José vai colher o feno numa grande propriedade nos arredores de Lérima, fazendo um trabalho penoso que ultrapassa as suas forças por um salário irrisório que ele ainda assim se orgulha de oferecer aos pais.

Desde os seus catorze anos, os dias de José são consumidos pelo trabalho no campo, que começa de madrugada e só termina ao cair da noite. A sua vida está organizada deste modo. E ele nem por um instante sonha pô-la em causa, e nem por um instante imagina que seja possível viver de outra forma.

Mas nesse ano, quando chega a Lérima acompanhado de Juan, encontra uma cidade virada do avesso, moral de pernas para o ar, terras que passaram a ser comuns, igrejas transformadas em cooperativas, e em todos os rostos uma alegria, um fervor, um entusiasmo que ele nunca esquecerá.

Descobre então palavras tão novas e tão audazes que arrebatam a sua alma de homem jovem. Palavras imensas, palavras ressonantes, palavras ardentes, palavras sublimes, as palavras de um mundo que começa: revolução, liberdade, fraternidade, comunidades, palavras que em espanhol, acentuadas na última sílaba, nos dão imediatamente um murro na cara.

José está maravilhado como uma criança.

Coisas nunca antes pensadas invadem-lhe o espírito.

Desmesuradas.

José aprende a erguer o punho e a cantar em coro «Hijos del Pueblo».

Juntando-se aos outros, grita Abaixo a opressão, Viva a liberdade. Grita Morra a morte.

Sente-se existir. Sente-se melhor. Sente-se moderno, e o seu coração transborda. Compreende de repente o que significa ser jovem. Não sabia o que isso era. Diz para consigo que podia ter morrido sem o saber. Apercebe-se ao mesmo tempo de como até esse dia a sua vida foi monótona, de como eram pobres os seus desejos.

Reconhece neste grande sopro negro algo a que, por não ter outro nome, chama poesia.

Regressa à aldeia com a boca cheia de grandes frases e com um lenço preto e vermelho ao pescoço.

Com uma eloquência febril, diz ao seu público (que por enquanto se limita à sua mãe e à sua irmã) que em Lérima se assiste a um alvorecer esplêndido (há uma propensão natural para o lirismo), que a Espanha se tornou finalmente espanhola e ele espanholíssimo. Diz, num frémito, que é preciso destruir a ordem antiga que perpetua a servidão e a vergonha dos homens, que a revolução dos corações e dos espíritos começou e que amanhã se estenderá a todo o país e, pouco a pouco, ao universo inteiro. Diz que o dinheiro não voltará a decidir todas as coisas, que nunca mais criará distinções entre os seres, e que em breve

O mar terá um gosto a anis, diz a mãe, irritada.

e que em breve já não haverá injustiça, nem hierarquia, nem exploração, nem miséria, que as pessoas poderão part

Partir para férias com o papa, completa a mãe, cada vez mais exaltada.

partilhar as suas riquezas, e que aqueles que andam calados desde que vieram ao mundo, aqueles que pagam

renda pelos campos desse cabrón de don Jaime, que é dono de tudo quanto é terra, aqueles que lavam a porcaria da sua mulher e que lhe areiam a louç

E continua!, exclama a mãe, já sem paciência.

eles vão erguer-se, vão lutar, vão libertar-se de todo o jugo e torn

Eu já te dou o jugo, explode a mãe. São sete horas, e fazias melhor se fosses tratar das galinhas. Preparei-te o balde.

Mas José está lançado, e as galinhas, indiferentes às ideias de Bakunine, esperarão um pouco mais pela sua comida.

Desde que regressou de Lérima, José não para de falar e vai alternando momentos em que se enfurece, em que se encoleriza, em que multiplica os coño, os joder, os puñeta e os me cago en Dios, com momentos em que se exalta sublimemente.

De manhã, barafusta contra os maus ricos, um pleonismo diz ele (descobriu esta palavra no jornal *Tierra y Libertad*), pois só há maus ricos, ora diz-me lá qual é a fortuna que não foi roubada? Protesta contra os especuladores e os amigos do padre don Miguel, o qual há de sentir passar, por baixo da sotaina, o vento gelado da revolução (isto dá-lhe vontade de rir), contra o ladrón don Jaime Burgos Obregón e outros responsáveis pela fome, e principalmente contra o chefe do gang nacional que se autopromoveu a chefe da rebelião: o general Francisco Franco Bahamonde, que José injuria por vezes num idioma floreado que alguns considerariam vulgar, chamando-lhe baixote enraba-padres,

bandalho, crápula, filho da puta, assassino que ele vai apanhar pelos ditos, e que outras vezes, no modo bakunino-lógico-político, designa como o aliado objetivo do capitalismo e o inimigo de classe do proletariado, sendo este último, ao mesmo tempo, vítima da desconfiança do governo republicano e da repressão franquista.

Mas se de manhã o seu coração é um barril de pólvora, à noite José sonha alto, sonha coisas fabulosas, e promete à sua irmã Montse um mundo em que nenhum ser humano voltará a ser servo ou propriedade de um outro, onde nenhum ser será alienado em favor de um outro da parte de soberania que lhe cabe (frase que ele retirou do jornal *Solidaridad Obrera*), um mundo justo e belo, um paraíso, José ri de felicidade, um paraíso realizado onde o amor e o trabalho se farão livremente, com alegria, e onde

Não estou a ver, corta Montse, contendo o riso, como havia eu em pleno janeiro de apanhar as azeitonas livremente e com alegria, de dedos gelados e costas desfeitas. Estás a sonhar, diz-lhe do alto dos seus quinze anos.

O comentário de Montse interrompe por um instante as promessas miríficas que José incluiu no seu programa, mas ele não tarda a prosseguir com o mesmo arrebatamento e o mesmo calor. E no seu íntimo, Montse sente-se feliz ao ouvir o irmão imaginar um futuro da humanidade em que ninguém cuspirá em ninguém, em que ninguém trará nos olhos medo ou vergonha, em que as mulheres serão iguais aos

Iguais em maldade? pergunta-lhe Montse, com malícia.

Iguais em maldade como em tudo, diz José.

Montse sorri, e todo o seu ser aquiesce secretamente às palavras que José sabe dar a coisas mudas, palavras que lhe abrem um mundo desconhecido e vasto como uma cidade.

Ela relança José de tanto que gosta de o escutar. Ei-lo agora na pele de filósofo (de entre todos, é este José que ela prefere) e a fazer frases superiores sobre a arte de despossuir. Montse: a arte de quê? José: de despossuir. Montse: que quer isso dizer? José: quer dizer que possuir um objeto, uma casa, uma joia, um relógio de pulso, móveis de acaju, qué sé yo, é ser-se escravo, é querer conservá-los a todo o custo, é acrescentar novas sujeições àquelas a que não se pode escapar. Enquanto nas comunas livres que vamos criar tudo nos pertencerá e nada nos pertencerá, compreendes? a terra será nossa, tal como a luz e o ar, mas não será de ninguém. José exulta. E as casas não terão trinco nem ferrolho, não acreditas? Montse bebe aquelas palavras de que entende apenas um quarto, mas que lhe fazem bem, sem que ela saiba porquê.

A mãe, cansada, espera que aquelas fabulações próprias da juventude não durem muito e que José recupere rapidamente aquilo a que ela chama: a noção da realidade, o que para ela significa: a noção da renúncia. Tal é o seu desejo secreto. Tal é o desejo secreto de todas as mães da aldeia. As mães são monstros.

Vamos fazer a revolução e esmagar os nacionalistas, exalta-se José, Fuera los nacionales! Fuera! Fuera!

Em Palma de Maiorca, onde Bernanos se encontra, os nacionalistas já começaram a caça aos vermelhos, que nesta ilha tranquila pertencem apenas a partidos moderados e nada tiveram que ver com os massacres de padres.

Desde que a Santa Guerra foi declarada, desde que os aviões fascistas são benzidos pelo arcebispo de Palma em



traje de cerimônia, desde que a padeira lhe faz, quando se cruzam na rua, a saudação de Mussolini, desde que o dono do café, ruborizado de indignação, lhe diz que é preciso pôr na ordem (com uma bala na cabeça) os trabalhadores agrícolas que ousam declarar que pelas suas quinze horas diárias de lavoura merecem melhores salários, Bernanos sente a angústia a invadi-lo.

A revista católica francesa *Sept*, dirigida por dominicanos, aceitou publicar regularmente os seus testemunhos sobre os acontecimentos em Espanha. São estas crônicas que constituirão, mais tarde, a matéria de *Les Grands Cimetières sous la lune*.

Já lhe sucedeu várias vezes, ao passear pelo campo, encontrar à beira de um caminho um cadáver coberto de moscas, a cabeça ensanguentada, a cara lacerada, as pálpebras horripilantemente inchadas e a boca aberta sobre qualquer coisa negra.

Começa por pensar que estas execuções sumárias não passam de excessos ou atos de vingança que quase toda a gente condena.

Julga tratar-se de um breve incêndio.

Mas o incêndio prolonga-se e a sua angústia cresce.

Um fogo de outra natureza arde no espírito de José, que todo o dia protesta e todo o dia se exalta. Mas logo que o pai volta do campo, José mura-se no silêncio.

O pai é proprietário de um terreno de oitocentos ares, legado de geração em geração há séculos, e a que ele acrescentou uns quantos arpentos comprados a don Jaime a prestações. Esta terra sequiosa, onde apenas crescem rudes oliveiras e uma erva áspera que só serve para as cabras,

constitui o seu único património e o seu bem mais precioso, sem dúvida mais precioso até que a esposa que ele escolheu, ainda assim, com o mesmo zelo com que escolheu a sua mula.

José sabe que é inútil tentar convencer o pai do seu projeto legítimo de repartir de modo mais justo as terras cultiváveis. O pai, que nunca saiu do seu canto, que não sabe ler nem escrever, e que tem, diz José, uma mentalidade retrógrada, rejeita violentamente as ideias do filho e nunca nunca nunca admitirá tal princípio.

Estando eu vivo, diz, ninguém há de comer o meu pão.

Como fazê-lo compreender que ideias novas estão prestes a transformar o mundo para o tornar melhor?

O pai não quer saber de nada disso. Diz Eu cá não caio nessa. Não sou assim tão idiota. Não nasci ontem. Julga, além disso, que a sua posição, ditada por um antigo saber camponês e pela clarividência daqueles que não vão em patranhas, é a única duradoura e com valor. E queria moldar o filho à sua imagem! E queria obrigá-lo a uma fatalidade idêntica àquela que o verga! José tem uma palavra para qualificar uma tal atitude: DESPÓTICA!

DESPÓTICO é um termo que José trouxe de Lérima (com toda uma coleção de palavras terminadas em -ico e em -ão) e que é claramente um dos seus prediletos.

Despótico o seu pai, despótica a religião, despótico Estaline, despótico Franco, despóticas as mulheres, despótico o dinheiro.

A palavra também agrada a Montse, que está ansiosa por lhe dar uso. E quando a sua amiga Rosita a vem buscar para irem dançar na praça da Igreja, como todos os domingos, ela diz-lhe que não se entregará a um hábito tão DESPÓTICO.

Quizás, replica Rosita, que apreende vagamente o sentido do vocábulo, mas é a tua única oportunidade de te encontrares com o teu novio.

Qual novio?

Não te faças de parva, toda a gente sabe.

Toda a gente menos eu.

Mas o Diego é doido por ti.

Não digas isso, murmura Montse, tapando as orelhas.

E a minha mãe, que hoje passa os seus dias sentada na sua cadeira de rodas junto à janela de onde vê as crianças brincarem no pátio da escola, porque essa é uma das últimas alegrias que lhe restam, a minha mãe, a quem dou de comer como a uma criança, que lavo e visto como a uma criança, que levo a passear como a uma criança, porque ela só pode passear agarrada ao meu braço, a minha mãe vê-se a subir em passo ligeiro a calle del Sepulcro que leva à praça da Igreja, onde uma pequena orquestra toca uma jota pompompom pompompom. É sempre a mesma coisa, diz-me, e a sua cara enrugada ilumina-se com uma malícia infantil. Diego olha-me, come-me com os olhos, mira-me de alto a baixo, como tu dirias, e se eu devolvo o olhar, ele desvia os olhos como se tivesse sido apanhado com a boca na botija.

A manobra repete-se, idêntica, todos os domingos pompompom pompompom, sob os olhos espiões da sua mãe, que percebeu perfeitamente a manobra dos olhos que mais não é do que a manobra do coração pompompom pompompom.

Todas as mães da aldeia formam um círculo de controlo na praça da Igreja e não perdem de vista a sua progeneritura

enquanto fazem cálculos sobre as possibilidades matrimoniais que parecem desenhar-se pompompom pompompom. Sem descuidarem por um instante a vigilância policial, as mais ambiciosas sonham casar a filha com o filho Fabregat: ele tem dinheiro. Mas a maioria limita-se a desejar que a filha tenha um pequeno ninho confortável e uma vidinha pacata no pequeno círculo traçado em torno do eixo masculino, que digo eu, em torno do pivô, do pilar, do pilão, da pilastra, do propileu masculino solidamente implantado no chão da aldeia como estará um dia implantado no chão movediço do mistério feminino, que belo é, que belo é.

Montse não parece minimamente tocada pelo interesse mudo que lhe dedica o pivô chamado Diego.

A sua cor ruiva desagrada-lhe.

A sua insistência embaraça-a.

Parece-lhe, pelos seus olhos, que ele a tem na mira.

E não sente vontade de responder à sua chama. Mais depressa lhe arrefeceria os calores.

Porque embora prepare o seu enxoval de casamento, como todas as raparigas da sua idade, e embora borde os dois M do seu nome enlaçados nos lençóis de linho branco e nas toalhas, Montse não partilha da obsessão das suas amigas em encontrar um marido antes que as ponham a trabalhar como criadas nas casas dos senhores, ou seja, o mais depressa possível (arranjar marido: tema número um das suas conversas enquanto sobem e descem a Gran Calle, voltando depois a subi-la e a descê-la, e voltando ainda a subi-la e a descê-la, conversas que se fazem de comentários sobre Fulano que olhou para mim como se não fosse nada com ele e que passou três vezes à minha porta tenho o coração a cento e vinte, sobre um outro que traz meias dessemelhadas se ele acha que, ou sobre Emilio vê-se que é dotado, eu cá desconfio prefiro o Enrique com ele já se

sabe com o que se conta, e mais tagarelice e chilreada e arru-lhar da mesma música).

Se Montse permanece espantosamente serena perante o interesse apaixonado que lhe mostra Diego, já o seu irmão José vê com muito maus olhos a preferência deste último pela sua irmã mais nova. O seu joguinho irrita-o. A seu ver, Diego é um señorito de barriga cheia, um rapaz mimado, enfartado, um menino do papá e, pior que tudo, um revolucionário de salão que será sempre, quer o queira quer não, um burguês. Isto é motivo suficiente para o detestar.

Desde que regressou de Lérima, José vê as coisas como elas são.

Quanto à mãe de Montse, é com uma certa satisfação que vê o filho Burgos rondar a sua filha. O rapaz apresenta-se bem, tem educação, e a fortuna dos pais constitui um excelente antídoto para a sua medonha cabeleira ruiva e para a obscura desconfiança que ele suscita aos aldeãos.

Com efeito, embora estes últimos nunca o confessem abertamente, a verdade é que ficam circunspectos diante deste Diego, filho adotivo de don Jaime Burgos Obregón e de doña Sol sua esposa, uma criança que ninguém sabe onde ou por quem foi concebida, uma vez que o casal faz segredo das circunstâncias da sua vinda, como se fosse algo de que se envergonhassem, ou talvez, simplesmente, porque ninguém se arrisca a fazer-lhes a pergunta.

E na aldeia, onde se pode dizer sem errar quem se tornará o quê em função da sua linhagem (origem controlada e percurso conhecido para todos), o mistério do nascimento de Diego vale-lhe a desconfiança geral, por vezes com hostilidade à mistura.